

Antropologia Cultural e Serviço Social: Novas Práticas de Pesquisa e Intervenção

Mário Nobre João

Uma das consequências importantes do fim dos impérios coloniais e da independência das populações coloniais, a seguir à guerra de 39/45, é o efeito designado por António Perotti (1997) por boomerang: 'A imigração dos antigos países colonizados da África, da Ásia e das Caraíbas, sobretudo depois do final dos anos 50, não é senão o boomerang da colonização'. Este movimento intercultural significa, em concreto, o afluxo de populações não europeias para os centros urbanos dos países metropolitanos, situação com forte impacto nas sociedades europeias e americana. Neste contexto, tem lugar, no pós-guerra, uma mudança dos campos de pesquisa social e, em particular, um novo interesse por parte dos antropólogos – para além do paradigma originário, na história da disciplina, ou o estudo das 'sociedades primitivas' – pelos espaços e culturas europeias, rurais e urbanas. 'Regressados a casa', os antropólogos vão, afinal, confrontar-se com o 'outro' nos seus próprios territórios, onde era possível demarcar microcosmos, relações face a face, solidariedades e lógicas diferentes daquelas que caracterizavam as sociedades industriais ocidentais.

Em suma, impõe-se uma nova visão: a de que a 'diferença' se poderá reencontrar na própria sociedade do observador e que o antropólogo tinha sido objecto de uma dupla ilusão: o de um 'outro' totalmente 'diferente', distante e, por outro lado, um 'mesmo' culturalmente homogéneo, em função das conveniências dos grupos domi-

nantes e das ideologias nacionalistas. Por outras palavras, todas as manifestações culturais mais marginais à cultura dos grupos dominantes da sociedade do antropólogo eram vistas como resíduos ou 'folclore'. A persuasão de Boaventura S. Santos (2002) fala acerca das 'permanências e resistências à mudança' e das 'redes de entreajuda, baseadas em laços de parentesco ou de vizinhança, através das quais pequenos grupos sociais trocam bens e serviços numa base não mercantil, antes solidária ou de reciprocidade', impõe, porém, algumas interrogações. Assim, estaremos, verdadeiramente, perante fórmulas arcaicas ou de insistência tradicional ou perante estratégias culturais onde imperam outras lógicas para além da oposição entre 'tradição' e 'modernidade' e que vêm merecendo a atenção dos sociólogos e dos antropólogos, reinterpretadas à luz do conhecimento acumulado pelo estudo da cultura do 'outro'? Parece-me que a resposta está na segunda parte da proposição para a qual o antropólogo se encontra especialmente sensibilizado pela sua 'dupla experiência científica', na expressão de Balandier (1974):

[os textos antropológicos] manifestam o reencontro e a conjugação de uma dupla experiência científica: a do antropólogo que, desde 1946 e principalmente em África, 'interroga' sociedades e culturas que se dizem na diferença, a do sociólogo que apreende a sua própria sociedade, pelo que ela revela de si própria nos seus problemas mais actuais.

Também Claude Lévi-Strauss (1958) teve em atenção os representantes de culturas periféricas que vieram habitar nos espaços da sociedade urbana, moderna e industrial. Lévi-Strauss vê aí uma oportunidade de troca, já que esses

'representantes das culturas periféricas' têm muito que dar ao etnógrafo: linguagens, tradições orais, crenças, concepções do mundo, atitudes diante dos seres e das coisas. Mas eles confrontam-se também muitas vezes com problemas reais e angustiantes: isolamento, desorientação, desemprego, incompreensão do meio do qual eles foram provisória ou definitivamente afastados, muitas vezes contra a sua vontade ou pelo menos na ignorância do que os esperava [...] e no que diz respeito ao antropólogo: ele poderá também ser chamado a contribuir (ao lado do especialista de outras disciplinas) para o estudo de fenómenos interiores, desta vez na sua própria sociedade mas que se manifestam com o mesmo carácter de distanciação.

Noutra perspectiva, agora focalizada na sociedade francesa mais contemporânea, Gerard Althabe (1988) define-se assim o problema:

Vou-vos falar hoje de um domínio bem preciso e limitado: o investimento etnológico no presente de uma sociedade como é actualmente a sociedade francesa, uma Etnologia que escolhe os seus terrenos nos lugares centrais da sociedade (a cidade, a empresa, a administração) e de modo algum as suas margens (p.89).

O autor situa o interesse pelos novos terrenos, no caso da antropologia francesa, por volta dos anos 80, considerando que o ímpeto desse interesse é procura de pesquisa etnográfica no campo do urbanismo nas periferias das grandes cidades, no sentido de aproveitar as potencialidades socioculturais dessas populações. Os termos característicos desta nova linguagem analítica são 'quotidiano', 'participação dos actores sociais', 'o homem como sujeito', e abandonam-se as explicações totalizantes que caracterizavam as práticas anteriores. Mas Althabe discute, porém, a dificuldade dos antropólogos em responder a estas novas exigências:

como explicar esta ausência de estratégia da parte dos etnólogos em tirar proveito desta oportunidade? E mais, como explicar a dificuldade que têm os etnólogos franceses em se confrontarem com o presente da sua própria sociedade? (p.90).

Segundo este autor, alguns campos de estudo que conviriam à nova antropologia seriam o estudo dos processos de criação de identidades colectivas; os estudos sobre minorias estrangeiras; os bandos de delinquentes das periferias urbanas e outros 'excluídos'. Ainda no que diz respeito à antropologia urbana, Yves Delaporte (1986) afirma que a aplicação do método etnográfico às cidades vai permitir 'ultrapassar os limites do inquérito sociológico'. Admite, no entanto, a especificidade do espaço urbano e a necessidade de adaptar os métodos a esses novos contextos, dada a necessidade em, nomeadamente, definir e limitar o objecto, visto que o espaço de observação se coloca de modo diferente no quadro da antropologia das sociedades tradicionais.

O Reino Unido é um dos países europeus que mais tem investido em políticas viradas para a integração dos seus imigrantes, manifestado na produção de obras directamente relacionadas com o serviço social ou trabalho social ou orientados para a produção de quadros teóricos sobre grupos étnicos. Para isso, contribuiu também a impor-

tante British Association of Social Workers interessada em promover a discussão neste domínio e a qualidade da prática dos seus profissionais. Um campo importante é a questão étnica e racial e as relações entre etnicidade e doença mental, particularmente associada às questões da ruptura familiar, marginalização, a vitimação das crianças e o problema da terceira idade em minorias étnicas, questões fundamentais de intersecção, prática e teórica, entre a antropologia cultural e o serviço social. J. Owusu-Bempah (1999) refere que:

A instituição do serviço social [*social work*] é um microcosmo da estrutura social. Assim, compreendendo a influência da raça no serviço social devia ajudar a compreender a sua dinâmica na sociedade mais alargada ... Este artigo discute alguns dos modos pelos quais a raça continua a influenciar o trabalho social (p.50).

Neste campo e explorando a via etnopsiquiátrica, Tobie Nathan Professor de Psicologia Clínica e Patológica na Universidade de Paris-VIII, Director do Centro Georges Devereux, vocacionado para a ajuda psicológica às famílias migrantes. No prefácio que escreveu para o livro do psicólogo clínico Claude Mesmin (2001), Nathan diz que

o problema mais agudo que deverá tratar a França no futuro próximo é a integração das suas populações migrantes, necessariamente mais e mais numerosas e, cada vez mais, culturalmente longínquas [...]. Tratar do bem estar das periferias das cidades é, talvez, começar por formar melhor os psicólogos escolares, não na psicanálise das elites de alto escalão da sétima circunscrição de Paris, mas no funcionamento psíquico real das populações imigradas (p.8).

No caso concreto tratado no livro de Mesmin – as dificuldades sentidas pelos pais e filhos de imigrantes face ao sistema escolar – os trabalhadores sociais participam no dispositivo etnopsiquiátrico destinado a restabelecer os códigos culturais que permitirão mediar o diálogo entre a cultura de origem e a cultura do país de acolhimento. Além destas situações, outras apelam também para a colaboração interdisciplinar com consequências na intervenção social. Françoise Couchard (1999) escreve o seguinte:

o psicanalista deve, como o antropólogo e como o sociólogo, ter em conta fenómenos da sociedade e da nova ‘doença de civilização’ [‘malaise dans la civilisation’]. Esta doença traduz-se por crises e

rupturas no grupo familiar que se desfaz, com famílias divididas e depois recompostas, por um pôr em causa de todas as instâncias de autoridade et superegoicas, por uma deliquescência dos valores e por uma perda dos limites entre real e fantasma, entre os sexos e as gerações. (p.89).

E poderíamos acrescentar a este cenário a questão dos grupos étnicos e das novas etnicidades na sociedade contemporânea. Naturalmente que os trabalhadores sociais se confrontam, eles também, com esta 'malaise dans la civilisation' e encontram, cada vez mais, implicados numa prática de intervenção e de pesquisa que exige novas estratégias e exigências em termos de discursos, práticas e aspirações multiculturalistas que, na verdade, aparecem triunfantes, quando se pensava, ainda há algum tempo, que a globalização tornaria histórica e culturalmente obsoletas as formas de particularismo cultural, quando, ao contrário, é da dispersão e hibridação cultural que se trata. O que está em causa, em termos de pesquisa e possibilidades epistemológicas, são novas condições para o estudo interdisciplinar da diversidade cultural. A psicologia e a psicossociologia foram referenciadas mais acima, precisamente na medida em que se tratando de disciplinas que implicam contactos culturais e aculturação aproximam-se, intrinsecamente, do objecto antropológico, pelas consequências sobre a psique humana das experiências interculturais. É evidente também o interesse destas questões na formação teórica e na prática dos trabalhadores sociais para a intervenção em espaços sociais caracterizados pela diversidade cultural, como o caso das migrações e grupos étnicos transnacionais na sociedade europeia contemporânea, inspirando, igualmente, novas práticas de pesquisa no serviço social.

Portugal está, neste momento, a viver uma nova experiência como país que recebe imigrantes e não mais apenas como uma típica sociedade da Europa do Sul com uma estrutural tradição emigratória.. Pela primeira vez, no nosso país, tem lugar uma experiência em expansão, na qual populações, rurais e urbanas, se confrontam com uma diversidade de pessoas e culturas 'à soleira da porta' diferentes dos tradicionais 'ciganos' ou 'espanhóis'. Estas novas condições produzem mudanças em termos políticos, económicos, sociais e educacionais, da mesma forma que tornam imperativa a preparação teórico e prática dos trabalhadores sociais e novos projectos formativos e de intervenção por parte das escolas de serviço social.

Os processos acelerados de mudança que as sociedades contemporâneas atravessam em termos tecnológicos inscritas em novas relações sociais e até pessoais – nomeadamente, as consequências da Internet, da cultura electrónica global e sobre os fluxos migratórios e na gestão do espaço urbano crescentemente multi-étnico e transnacional – são questões centrais para a antropologia cultural contemporânea, em colaboração com sociólogos, psicólogos e assistentes sociais, no sentido de uma nova prática analítica e novas condições para, a partir da pesquisa, influenciar a transformação democrática da sociedade. François Laplantine (2001) é muito expressivo a respeito destas relações entre pesquisa, teoria e intervenção:

a pesquisa antropológica, que nada tem de uma actividade de luxo, sem nunca se substituir aos projectos e às decisões dos próprios actores sociais tem hoje por vocação principal propor não soluções, mas instrumentos de investigação que poderão ser utilizados, nomeadamente, para reagir ao choque da aculturação, isto é, ao risco de um desenvolvimento mal concertado, conduzindo à violência negadora das particularidades económicas, sociais, culturais de um povo. (pp.25-6).

REFERÊNCIAS

- Althabe, Gerard
1988 'Vers une Ethnologie du Présent'. *Revue de l'Institut de l'ULB*, 3. p.89-98.
- Balandier, George
1974 *Anthropo-logiques*. Paris. PUF.
- Couchard, Françoise
1999 *La Psychologie Clinique Interculturelle*. Paris: Dunod.
- Delaporte, Yves
1986 'L'Object et la Méthode: Quelques Reflexions Autour d'une Enquête d'Éthnologie Urbaine'. *L'Homme*, 97-8. pp.155-169.
- Laplantine, François
2001 *L'Anthropologie*. Paris: Payot & Rivages.
- Lévi-Strauss, Claude
1958 *Anthropologie Structurale*. Paris: Plon.

Mesmin, Claude

2001 *La Prise en Charge: Ethnoclinique de l'Enfant de Migrants*. Paris: Dunod.

Owusu-Bempah, J.

1999 'Race'. In *The Blackwell Companion to Social Work*. Editado por David Martin. Oxford: Blackwell. pp.50-63.

Perotti, Antonio

1997 'Apologia do Intercultural'. Lisboa: Edição do Secretariado Coordenador dos Programas de Educação Multicultural.

Santos, Boaventura Sousa

2002 'O Estado da Nação'. *Revista Visão*, 470. pp.6-9.

**Antropologia Cultural e Serviço Social:
Novas Práticas de Pesquisa e Intervenção**

**Cultural Anthropology and Social Work:
New Practices of Research and Intervention**

Sumário

Summary

A migração de populações das regiões colonizadas pelas potências ocidentais em direcção aos antigos países metropolitanos constitui um facto fundamental da cultura e da sociedade transnacional contemporânea. O crescimento da diversidade étnica e multicultural dos países ocidentais é, neste sentido, a fonte, simultaneamente, de uma nova comunidade e de novos problemas sociais. A antropologia cultural e o serviço social encontram, neste cenário actual, importantes pontos de convergência no trabalho destas disciplinas, sobretudo como novas metodologias de pesquisa e análise convergem com novas responsabilidades de intervenção transformativa na comunidade.

The migration of people from regions colonized by the western powers towards the former metropolitan countries constitutes a fundamental fact of culture and transnational contemporary society. The growth of the ethnic and multicultural diversity within the western countries is, in that sense, a source of both a new community and new social problems. Cultural anthropology and social work find in this actual scenario important points of convergence for the work of these disciplines, especially as new methodologies of research and analysis associate with new responsibilities of transformative intervention in the community.